



NOTAS PARA TRIBUTO

A PIERRE SANCHIS

(UFMG – 28/09/2018)

Otávio Velho

Inicialmente gostaria de agradecer na pessoa de Andréa Zhouri e dos demais organizadores a oportunidade de participar deste *Tributo a Pierre Sanchis*, querido amigo para mim cada vez mais presente. Presente, por exemplo, por ocasião da recente tragédia do Museu Nacional. Tragédia que ainda não acabou e que para nós de certa forma nunca acabará. Eu, que fui aluno da primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu, que por coincidência está completando este ano de modo tão paradoxal o seu cinquentenário, lembrei de como Pierre me dizia que por pouco ele não foi aluno desta mesma turma; e fiquei imaginando como teria sido isso. Assim como fiquei pensando como de uma maneira ou de outra sentiria Pierre o ocorrido.

É difícil para mim separar em Pierre o amigo do intelectual. Assim como é difícil separar o professor do pesquisador, e desde já digo isso como uma espécie de confissão da minha dificuldade em focalizar exclusivamente um desses seus lados, tal como foi proposto para este evento. Como professor, ele falava, brilhantemente. E – por que não? – poeticamente, inclusive no tom de voz; longe, no entanto, de qualquer parnasianismo. Como pesquisador, ouvia e indagava. Ouvia e indagava a nós todos. E essas suas duas facetas se combinavam. Sendo que nessa de ouvir e indagar sempre – ao mesmo tempo com interesse e carinho – aflorava de modo sutil outra faceta sua: a do “estrangeiro”. Duplamente estrangeiro, aliás. E que por sua vez se “articulava” (palavra que ele gostava muito) perfeitamente com a sua intensa brasilidade. Definição

melhor, creio, não haveria para nós do que seja ser antropólogo. E em Pierre ambos os lados – o do estrangeiro e o do nativismo – eram vividos de modo extremamente intenso, tornando-o por isso mesmo um *primus inter pares* - e o latim vai aí com um toque de ironia que ele talvez apreciasse - pela força da sua exemplaridade. Ainda mais porque em contexto eclesiástico a referência é a um bispo possuidor de uma prerrogativa de honra especial.

Dadas essas circunstâncias, vou, portanto, concentrar as minhas poucas observações em um plano por assim dizer “epistemológico”, que me parece fazer a ponte – ou uma combinação de viadutos – entre isso tudo. E, por suposto, apenas ensaisticamente; incompleta e preliminarmente.

Mencionei a presença da poesia no trabalho de Pierre. Mas agora gostaria de ir um pouco adiante para que isso não seja tomado exclusivamente como uma questão de estilo. A mim me parece que se trata também de uma pesquisa de linguagem. Mas que em Pierre se combinava com uma utilização aparentemente ortodoxa do vocabulário antropológico. Utilização esta onde noções como a de cultura e de estrutura (entre outras) tinham proeminência. Mas que eram suavizadas por outras tantas expressões habituais em Pierre como matizes, não endurecimento de oposições, combinação de planos, articulações (já mencionada), ambigüidades, coexistência de diferentes dimensões, etc. Expressões essas que no caso, por exemplo, das comparações (tão caras à tradição antropológica) ajudavam Pierre a fugir dos binarismos em favor de idéias como a da distribuição diferencial de ênfases entre os mesmos elementos. Idéias em que a florava também o sutil estruturalismo de Pierre. Estruturalismo instrumental e pouco dado a vassalagens dogmáticas, o que lhe permitia transitar por diferentes caminhos realizando sínteses bem

peçoais. Pois se por um lado – e distante da síndrome usual entre nós do *mais realista do que o rei* - Pierre desse modo evitava as referidas vassalagens ortodoxas ao tratar com sem-cerimônia produtiva autores como Lévi-Strauss e Weber, por outro isso lhe permitia, também, escapar de vassalagens similares prestadas a supostas novidades. Novidades de que se nutre boa parte do nosso movimento e das nossas carreiras intelectuais, levando-nos a soluções aparentes, mas unilaterais, que já prenunciam de antemão a sua obsolescência futura ao deixar atrás de si um deserto e as mesmas e clássicas questões, à espera de novos intérpretes. Como é o caso com as fascinantes propostas processualistas e individualizantes, particularmente bem-vindas por permitirem focalizar as *diversidades* e as *identidades* tão centrais no mundo de hoje como realidade e como projetos, mas também, menos lisonjeiramente, oferecendo aos estudantes um instrumental feito sob medida para a realização de etnografias nos prazos e formatos exigidos hoje na pós-graduação; que, no entanto, corre o risco de fazer recair no mais crasso empirismo, arrastando nesse movimento a todos nós – professores, pesquisadores, estudantes. E aqui eu devo confessar que em Pierre a sutileza das suas operações, que mais uma vez torna difícil a separação da figura do professor e a do pesquisador, combinada com o reconhecimento implícito das limitações da linguagem para expressar essas complexidades, por muito tempo e em parte considerável, a mim mesmo me escapou. E o curioso é que de certa forma por outros caminhos eu de modo muito mais imperito persegui através dos anos objetivos similares – creio que bem expressos no título da minha coletânea recém-publicada, *Antinomias do Real* (Velho 2018) - sem me dar conta inteiramente dessas afinidades com o meu amigo. São de fato antinomias do real.

Penso que um bom exemplo dos modos de proceder de Pierre seja a maneira pela qual ele lida com a noção de *catolicidade*, tal como a

desenvolve na sua palestra em seminário no qual alguns de nós estivemos presentes. Seminário realizado em Juiz de Fora de 28 a 30 de abril de 2005, e que foi publicado em livro organizado por Faustino Teixeira e Renata Menezes em 2009 (Sanchis 2009). O texto de Pierre aparenta ter sido estabelecido a partir de transcrição, apesar de eu não ter conseguido uma confirmação dessa impressão através da minha colega Renata Menezes devido ao infausto incêndio do Museu, que lastimavelmente destruiu os seus livros e a sua sala. E não só dela. Mas a dúvida, por outro lado, é por si elucidativa, pois confirma para mim uma característica do Pierre pertinente à organização deste evento: a diferença mínima nele entre a escrita e a oratória magisterial, sendo difícil estabelecer que alguma das duas predomine. O que, aliás, me faz lembrar outro mineiro ilustre que cheguei a conhecer: o político, professor e jurista San Tiago Dantas.

O seminário intitulava-se *Catolicismo*. E é exatamente o jogo entre catolicismo e catolicidade estabelecido por Pierre que mais me interessa para os propósitos que já indiquei. Pois ele marca claramente no início do seu texto-exposição que não se trata da mesma coisa, a não ser quando o catolicismo deixa de ser referido exclusivamente à Igreja Católica e passa a ser visto como “um valor, uma dimensão, uma modalidade (‘catolicidade’), presente, em diferentes proporções, em várias organizações ou estruturas cristãs, em várias igrejas” (2009: 181). O que está em linha, aliás, com a bibliografia teológica, que ele evidentemente dominava. Mas Pierre acrescenta que isso não deixa, então, de produzir certa ambigüidade - programada, no entanto, segundo ele - na maneira pela qual utilizará os dois termos, católico e catolicidade. E aí já oferece um exemplo da semcerimônia com que trata os clássicos a que me referi, quando diz que a Igreja Católica lhe servirá como tipo ideal, mas **impuro**; solução com que me identifico muito. E acrescenta:

“Confusão? Talvez. Espero pelo menos que introduza certa carga de inteligibilidade”. (2009: 181)

Vejam só: confusão a serviço da inteligibilidade, sem a qual esta estaria prejudicada. Antinomia? Talvez. Mas do **real** esticado para exhibir toda a sua riqueza, e não mais de um ideal. Utilizando palavras suas: a **plenitude** em contraste com a **pureza**. A catolicidade não é apenas um fenômeno grandioso, mas específico, que se manifesta na história, e sim, também, uma atitude, uma **modalidade** (outra palavra sua). Eu não sei até que ponto Pierre continuava a se considerar católico no sentido estrito, mas nesse sentido alargado eu apostaria que sim. Mesmo como antropólogo. Afinal, é o próprio Pierre quem diz que o catolicismo enquanto uma das dimensões fundamentais internas ao cristianismo que não se confunde com a realidade empírica da Igreja Católica está presente, não só em outras igrejas, mas também, frequentemente, “em ‘ex-católicos’ cujo aparelho epistemológico e valorativo conserva profundos traços de uma forte socialização primária” (2009: 187). Palavras dele no texto que estamos focalizando.

Seja como for, esta referência lhe permite nesse pequeno texto - quase obscuro e como que ocasional - desenvolver férteis considerações pertinentes a “perspectivas antropológicas sobre o catolicismo”. É este o seu título. Mas o meu ponto é que ao mesmo tempo estão aí presentes indícios significativos da incorporação dessa catolicidade como valor universal. Expressão esta, a de valor universal, por sua vez “programada” por mim mesmo para ser redundante, já que a catolicidade se refere precisamente à universalidade. Nesse sentido, o que me parece aflorar e que é pertinente ao que estamos tratando aqui é uma espécie de **afinidade** entre catolicidade (ou catolicismo em sentido amplo) e cultura. Apoiando-se em Troelstch e Weber, Pierre diz que “o problema cultural inscreve-se,

enquanto problema, no horizonte ‘católico’” (2009: 196), o que transpareceria fortemente hoje na medida em que a Igreja “faz explicitamente sua” a categoria da *inculturação* (2009: 197). Mais do que uma identidade, o catolicismo nesse sentido seria nos termos de Lévi-Strauss uma **estrutura** (2009: 203). Mas, então, como “**princípio de regulação**”, dinâmico, longe de qualquer a-historicidade, aplicando-se ao catolicismo aquilo que Lévi-Strauss diz dos sistemas de reciprocidade. Sempre como modalidade, e não substância. No catolicismo enquanto “princípio de regulação”, em suas palavras:

“Sua expressão conceitual explícita, seus meios de realização ritual ou organizacional poderão ser diferentes no decorrer da história e em função dela. Mas ´a mesma força (i.e., a força da mesma lógica [e aí já é Lévi-Strauss falando]) está sempre em ação e é sempre no mesmo sentido que reorganiza os elementos que lhe são fornecidos ou abandonados” (2009: 203).

Trata-se de uma pressão reguladora e limitadora por parte da estrutura, sem dúvida. Mas da estrutura enquanto princípio regulador, sujeita a múltiplas transformações e distante da uniformidade, carregada de ambivalências e “capaz de responder, lógica mas inesperadamente, aos desafios da história” (2009: 204). E capaz, por isso, de subordinar hierarquicamente – e aqui faz referência a Dumont – “os elementos de cunho individualista que se lhe apresentam”, pois “renunciando ao monolitismo, ela se dispõe à ‘composição’” (2009: 195).

Há aí, me parece, uma afinidade e uma espécie de fertilização mútua entre as noções de catolicidade e cultura em torno das questões pertinentes à combinação entre universalidade e pluralismo (Rahner e Vorgrimler 1968: 68-9) e outras mais, a qual é importante reconhecer. Isto não só para compreender em maior profundidade o pensamento de Pierre, como

também para enriquecer o debate sobre as nossas próprias perspectivas e construir ferramentas de pesquisa; eu, pessoalmente, tendendo, por suposto, a privilegiar a presença forte das ambivalências e a capacidade de respostas inesperadas assinaladas por Pierre. Sendo que não se pode menosprezar os campos de discussão constituídos em suas disciplinas de origem em volta de cada uma dessas duas noções de per si – catolicidade e cultura - certamente não sendo trivial o esforço em abri-los. Sobretudo tratando-se de esforço individual, pois outro Pierre Sanchis não haverá. Seja como for, tudo isto poderá se dar por via tornada mais atual pela re-emergência nos últimos anos da atenção às questões da ontologia. Inclusive esse esforço de abertura; sendo necessário assinalar que o próprio Pierre oferece pistas que aguçam a nossa imaginação sem, no entanto, deixar essa fertilização mútua totalmente à mostra.

Mas afinal, não é nisto que está o prazer da garimpagem, tão cara à tradição mineira? Aqui quis apenas apresentar uma evidência entre as muitas outras possíveis das preciosidades que essa atividade pode trazer tratando-se do legado de Pierre Sanchis. Atividade preferencialmente coletiva e de longa duração, tão mais gratificante quanto mais se chega a pepitas que nos estimulam a ir adiante. Uma imersão no real que para nós é também o outro nome da pesquisa. É a isso que queria estimulá-los.

Referências bibliográficas

RAHNER, Karl e VORGRIMLER, Herbert. Catholicity. *Theological Dictionary*. Nova York: Herder and Herder, 1968[1965], p. 68-69.

SANCHIS. Pierre. Perspectivas antropológicas sobre o catolicismo. Faustino Teixeira e Renata Menezes (orgs.), *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2009, p. 181-206.

VELHO, Otávio. *Antinomias do Real*, org. p/ Amir Geiger. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.